



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12338 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT14 - Sociologia da Educação

A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO INTERSUBJETIVA E EFETIVAÇÃO DO CONHECIMENTO

Miguel Junior Zacarias Lima - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Walter Pinheiro Barbosa Junior - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Rossana Brito Pinheiro - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO INTERSUBJETIVA E EFETIVAÇÃO DO CONHECIMENTO

Introdução

Nessa pesquisa, refletimos acerca das relações entre linguagem, compreensão e conhecimento tomando por base a leitura do livro: O Crátilo de Platão, mas sem restringir-se a essa obra. Partimos da problemática elaborada pela inquietação gerada pela leitura de Platão: é possível compreender sem a mediação da linguagem? Pressuposto de que, a linguagem, enquanto manifestação do humano está intrinsecamente voltada para o ato de comunicar, compreender e explicar o mundo ao qual estamos inseridos. Assim, o processo de aprendizado não pode ser pensado, em suas diversas perspectivas, como algo distante, ou mesmo desconectado da realidade, que também implica a linguagem daquele que aprende.

A construção desse processo, enquanto um movimento próprio da transformação do antropomorfo em um ser humano, só pode ser pensada como uma espiral, que em sua dinâmica não retroativa, faz idas e vindas no entorno do objeto do conhecimento, provocando, naqueles que estão inseridos nesse processo, a dimensão da subjetividade, que em sua dinamicidade e abertura, provoca o diálogo e em consequência, a intersubjetividade.

Neste sentido, podemos cogitar que essa dinâmica, onde sujeitos em processo contínuo de fazer-se, fazendo-se elaboram e problematizam a si mesmos e ao mundo no seu entorno a partir da significação, que pela linguagem toma forma, e pode ser comunicado.

Em nossos estudos, buscamos compreender as diversas perspectivas presentes na obra O Crátilo de Platão, partindo das reflexões que estão no corpo da obra, voltadas para as noções de “episteme” e “linguagem”, nos levando às especificidades de cada conceito estudado pelo filósofo, com seus respectivos princípios. Priorizando aqui as investigações de Platão sobre a questão da linguagem no Crátilo. Esta obra nos reporta, de uma forma dinâmica e sistemática, a compreensão de que a linguagem não pode ser vista apenas como um instrumento ou ferramenta inerente à condição humana, mas que sua constituição e sentido, fundamenta-se a partir da construção da própria subjetividade.

Desenvolvimento

“Só podemos pensar dentro de uma linguagem e é justamente o fato de que nosso pensamento habita a linguagem que constitui o enigma profundo que a linguagem propõe ao pensar.” (GADAMER, 2002. p. 627.)

A linguagem é um fenômeno discutido e tomado como um a-se-pensar, por muitos filósofos no curso da história. Desde os gregos a linguagem é problematizada, de modo que os que se envolvem com esta temática buscam compreendê-la de modo amplo e profundo.

Conforme a percepção grega, a linguagem é uma realidade sonora, servindo apenas para nomear as coisas, nem sempre relevante para a efetivação do conhecimento humano. Nessa perspectiva, podemos inferir que, as discussões assumidas pela tradição ocidental mostram a linguagem na condição instrumental.

No curso dos nossos estudos sobre a relação entre linguagem e efetivação do conhecimento, foi possível compreender que um dos problemas na tradição do debate sobre a linguagem foi reduzir esse fenômeno a uma atitude expressiva, simplesmente fala ou até mesmo uma especulação sobre a própria língua.

Platão, em sua obra “Crátilo”, traz o escrito básico do pensamento clássico sobre linguagem. No Crátilo, deparamo-nos com questões linguísticas filosóficas que problematizam a pesquisa até os nossos dias. Platão procura esboçar neste diálogo, seguindo as tendências da época, uma filosofia da linguagem, na qual a linguagem é vista como um elemento filosófico entre outros. Neste sentido, a linguagem passa a ser compreendida como algo utilizada pelos seres humanos como signos de suas idéias.

O desdobramento da questão no Crátilo se dá com a discussão sobre a relação entre palavras (nomes) e coisas posta pelo naturalismo e o convencionalismo. Com isso, Platão se propõe mostrar a linguagem em sua própria essência, bem como a sua função no

conhecimento.

O pensamento naturalista defende a possibilidade de formação de palavras através da imitação fonética de sons, por exemplo, as palavras onomatopaicas (neste caso, o “tique taque” do relógio). Platão, apresentando a tese naturalista acentua que as palavras não apenas imitam os sons, mas mostram a essência das coisas. Neste caso, as palavras especificam a essência das coisas e através da imitação, as próprias palavras se estabelecem. Assim, os nomes ordenados, de forma sistemática na fala, são sinais de concepções e não das próprias coisas. Com esta perspectiva filosófica, passamos a compreender que, de forma sistematizada pelo escopo de uma condição lógica do pensar, as palavras trazem à mente pensamentos e concepções; tais pensamentos e concepções, elaborados historicamente e de forma intersubjetiva, levam a produção de palavras.

Para os convencionalistas, na formação de palavras está convertido o uso da língua, mas neste caso não se trata de um ato de converter estabelecido de forma arbitrária e explícita. Platão destaca que é uma questão de “ethos” e não de convenção. A nosso ver, um exemplo disso é que cada país possui a sua língua, através da qual, todos se compreendem e não necessitam de uma imposição arbitrária para as pessoas de outro país.

Portanto, as duas teorias expostas acima apontam por vias diversas a relação entre palavras e coisas. O convencionalismo considera que os significados das palavras nascem do uso lingüístico que se obtém por convenção. Os naturalistas, por sua vez, destacam uma coincidência natural entre a palavra e a coisa, neste aspecto, afirmamos que quem conhece as palavras também conhece as coisas.

Ao fazermos referência à questão dos nomes, faz-se necessário observar se os nomes são verdadeiros ou falsos. Eis uma inquietação: como chegar ao conhecimento das coisas sem precisar dos nomes? Isso significa que a distinção entre nomes verdadeiros e falsos está no fato de a verdade ser o nome e a falsidade, os sons sem significados.

Com efeito, Aristóteles rompe com a relação entre palavra e coisa e procura elaborar uma teoria da significação através de dois elementos: a distância entre linguagem e ser e a relação entre ambos. Aristóteles percebe que a sofística é uma ameaça ao pensamento, pois não percebeu a falta de ligação entre palavra e coisa. Indubitavelmente, “a sofística tende, pois, a obscurecer por completo o caráter significativo da linguagem humana e a considerá-la como simples ente entre os outros instrumentos de relacionamentos intersubjetivos. Precisamente porque a linguagem sendo um ente como os outros, só pode manifestar a si mesma”.

Aristóteles discute sobre a linguagem com um novo grau de reflexão, com efeito, é possível perceber certa diferença entre a teoria aristotélica e a platônica. Para Aristóteles, a linguagem apenas simboliza o real, ela o reproduz, “o fenômeno lingüístico se reduz à diversidade de sons e signos produzida por convenção”. A linguagem é reduzida a puro instrumento de comunicação intersubjetiva, secundário ao conhecimento do real, uma

realidade sonora, sistema de signos fonéticos.

O pensamento aristotélico toma duas vertentes na reflexão sobre linguagem. Em primeiro lugar, ele traça a diferença entre linguagem e ser com o intuito de conceber com profundidade a compreensão designativa de linguagem segundo Platão. Depois encontramos algo mais particular em Aristóteles quando ele antecipa a reflexão de algumas questões retomadas atualmente, isto é, trata-se da mediação lingüística para se chegar ao ser, mesmo considerando certa distância entre ser e linguagem.

Aristóteles realiza aqui uma espécie de reflexão transcendental, determinando a estrutura do real como condição de possibilidade do pensamento. Aristóteles permanece no nível da distância entre linguagem e pensamento, sendo a linguagem como em Platão, um instrumento imperfeito e, por isso, sempre ultrapassável.

Seguindo o desenvolvimento histórico da filosofia da linguagem percebemos que a modernidade herda da tradição clássica o problema da instrumentalização da linguagem e agora em decorrência da subjetividade serve apenas de instrumento de comunicação lingüística intersubjetiva.

Nesta perspectiva, a linguagem serve apenas para a comunicabilidade arbitrária entre os participantes do discurso. Esta visão que estamos considerando contempla a mudança de compreensão, pois tal realidade é encarada não mais como uma determinação ontológica, mas subjetiva.

Todavia, estes atributos ou caracteres da modernidade problematizam cada vez mais a identificação do sentido verdadeiro da linguagem, ou seja, ilustra o quanto a linguagem permaneceu secundária. Assim, percebemos a linguagem longe de ser considerada o elemento de base para a efetivação do conhecimento. Segundo o que observamos, a linguagem ainda permanece como meio transmissor de informações sobre as coisas e os fatos.

Conclusão

Partindo do exposto acima, é fundamental compreendermos qual foi o percurso trilhado pela reflexão filosófica e quais perspectivas teóricas os pensadores, aqui em discussão, percorreram em suas reflexões para o intento das preocupações sobre a compreensão e explicação do mundo.

Esta concepção nos remete à percepção da importância da linguagem enquanto aquela que, como afirmou Gadamer, manifesta a capacidade de apresentação do mundo. Assim também é possível referir-se ao ser humano a partir da expressão clássica de Aristóteles, segundo a qual o ser humano é um ser vivo dotado de logos. Percebemos, portanto, a intenção de esclarecer a fundamental diferença entre o animal e o humano; este último visto como ser dotado de linguagem, capaz de manifestar, via logos, a realidade.

Possuir o lógos é estar em pleno desenvolver-se enquanto aquele que tem a necessidade de ordenar-se dentro de uma história, constituída em um espaço de cultura, identidade e formação de consciência.

Partindo dessa realidade, podemos expressar-nos, em relação à linguagem, não simplesmente como uma condição instrumental, mas fundamentalmente reflexiva, que fala, desvela e – de forma dinâmica e consciente – interpreta a realidade nos colocando no centro da própria condição do interpretar.

Assim, motivados pela inquietação gerada pelas discussões elencadas, principalmente pela obra O Crátilo de Platão, foi possível elaborarmos algumas reflexões que, frente as muitas outras formas de pensar sobre o tema proposto, abre algum caminho no vasto leque de estradas da filosofia. Proporcionando a certeza de que este caminho é sempre um constructo, elaborado pela necessária compreensão de que o conhecimento só pode ser pensado por construções e desconstruções na relação com o outro.

REFERÊNCIAS

APEL, Karl-Otto. Transformação da Filosofia. I e II. Sao Paulo – SP: Loyola, 2000.

COSTA, Reginaldo da. Ética do Discurso e verdade e Apel. Belo Horizonte – MG: Del Rey, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis - RJ: VOZES, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método II. Petrópolis - RJ: VOZES, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta Linguístico-pragmática na Filosofia contemporânea. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

PAVIANI, Jaime. Escritura e linguagem em Platão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.
(Coleção: Filosofia)

PLATAO. CRATILO: Ou sobre as correções dos nomes. São Pulo – SP: Pulus, 2014.

STEIN Ernildo. Aproximações sobre a Hermenêutica. Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 1996.
(Coleção: Filosofia).